

"Quando você não sabe que é possível, como pode desejar?": A Utilização de Linguagem Neutra na Comunicação de Pessoas Trans

Ariel Ícaro Boraso Giagio¹

RESUMO

Este artigo estuda os usos da linguagem neutra a partir de sua utilização no dia a dia de seus falantes. O objetivo é delinear em que medida esses usos se ligam a questões da identidade de pessoas trans e não-binárias. Para tanto, foram realizadas nove entrevistas semi-estruturadas com pessoas usuárias dessa linguagem, focalizando (a) os espaços de uso dessa linguagem; (b) preferências pelo uso de pronomes neutros e (c) mudanças decorrentes da adoção da linguagem neutra. Para tanto, o trabalho traz como referencial Foucault, Barthes e Vergueiro. Observou-se, a partir das entrevistas, que pronomes neutros parecem estar diretamente conectados com a identidade e visão de si de pessoas não-binárias. Trata-se de uma linguagem que as conecta à sua comunidade e seu uso culmina de outras transformações pessoais intangíveis.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; linguagem neutra; não-binariedade; gênero;

Introdução²

O uso mais amplo de pronomes “elu” e “ile” e de palavras flexionadas com terminação -e, em redes sociais e na TV, traz sentimentos fortes de repulsa a muitos grupos. A título de exemplo, uma postagem do Museu da Língua Portuguesa na rede social Twitter, em 12 de julho de 2021, incluiu: “um chamamento para todas, todos e todes os falantes” e recebeu muitos comentários expressando indignação e desapontamento. Nessa mesma linha, houve múltiplos projetos de lei para impedir o uso da variação, especificamente no contexto escolar. Desde julho de 2022, tramita na Câmara Municipal de Belo Horizonte um Projeto de Lei que

¹ Aluno do 3º ano de Jornalismo da Faculdade Cáspier Líbero. Pesquisador-bolsista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cáspier Líbero. Email: arielgiagio@gmail.com

² Por mais que não seja intuitivo usar a variação que se estuda no correr do texto, no caso da linguagem neutra, fica claro que não é possível extinguir seu uso nesse texto. Como desenvolvido no corpo do texto, trata-se de uma variação ligada à identidade de quem fala. Logo, poderia soar desrespeitoso da minha parte não usar linguagem neutra ao me referir a minhas entrevistades, já que elus argumentam que é a linguagem que lhes descreve mais corretamente. Além disso, é também um exemplo do seu uso que pode ser útil na aplicação futura da variação em outros artigos em que ela seja relevante. Por fim, algumas críticas à linguagem neutra alegam que ela exclui pessoas com algumas deficiências, incluindo deficientes visuais, já que ela supostamente não é lida corretamente por leitores de tela digital. Como experimentação primária desse aspecto, este artigo é legível pelo programa de leitura NVDA versão 2022.2.3.

proíbe o uso da linguagem neutra na grade curricular, no material didático de instituições de ensino públicas ou privadas e em editais de concursos públicos, além de propor sanções administrativas às instituições de ensino público e privado e aos profissionais de educação que violarem o uso da língua portuguesa considerada padrão (CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2022).

Nikolas Ferreira (PL), autor do Projeto, argumenta no texto que o “pronomes neutro não traz nenhum tipo de aprimoramento para a Língua Portuguesa”. O autor ressalta possíveis exclusões vindas do uso, incluindo de pessoas que usam a Linguagem Brasileira de Sinais (Libras), uma língua em que os pronomes pessoais são realizados pela apontação e não distinguem gênero. Ao mesmo tempo, se esconde atrás da “proteção do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp)”, mesmo quando se leva em conta que a língua é, em si, uma construção coletiva arbitrária e mutável, como recorda Bagno (2007), ponto que pode ser pensado também para a linguagem neutra.

Já na TV, o ator e apresentador Alex Gallete, conhecido como “DJ” e parte do atual elenco do *reality show* "A Fazenda 14", usou a palavra “todes” para se referir às pessoas participantes do programa na edição do dia 14/09/2022. No próprio programa, isso trouxe debate questionando se era adequado ou não usar essa palavra corriqueiramente.

Para ajudar a responder essa questão, este texto estuda o uso da linguagem neutra mostrando o que essa variação traz, em termos de comunicação, a um grupo específico, visto que “toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam” (BAGNO, 2007, p. 46).

A emergência de identidades não-binárias trouxe a necessidade de uma variação que não fosse constantemente desconfortável aos usuários; por sua vez, o compartilhamento dessa variação com pessoas que nunca sentiram essa necessidade abre portas conceituais que permitem pensar como é viver de um modo considerado impossível pelo imaginário social: nem homem, nem mulher.

Para analisar o uso desses pronomes oralmente, estabeleci a fala como objeto de estudo. Deste modo, foram feitas nove entrevistas, oito online e uma presencial, com pessoas não-binárias entre abril e junho de 2022. As nove entrevistas, semi-estruturadas, foram realizadas com pessoas da cidade de São Paulo, entre 20 e 38 anos, que usam linguagem neutra no seu dia-a-dia. Seis tinham ensino superior completo e três eram graduandes. Apenas uma entrevistada se identificou como uma pessoa negra.

A escolha por entrevistas veio pela priorização do princípio da autodeterminação e sentimento de que pessoas trans são as autoridades nas suas identidades. Em termos metodológicos, isso se traduziu na observação da trajetória de cada pessoa com o uso da linguagem neutra, desde o primeiro contato, até o uso para si até o uso corriqueiro com amigos. De saída, é possível indicar, com Critelli (2012), que a organização

narrativa pessoal contemporânea de pessoas não-binárias é em uma linguagem específica e passa pela linguagem neutra.

O referencial teórico para a análise das entrevistas se utiliza de aspectos do conceito de dispositivos de controle de Michel Foucault (1988), tal como aparece no primeiro volume de em sua *História da Sexualidade*. É relevante também trazer o conceito de gênero como construção social de Judith Butler (1990; 2003) e a caracterização da cisheteronorma de Viviane Vergueiro em sua dissertação de mestrado (2015). Trabalhou-se, de maneira tangencial, também a análise da linguagem a partir de Roland Barthes (2004), Bourdieu (1996) e José Luiz Braga (2017).

Em termos específicos, esta pesquisa busca conhecer os usos da linguagem neutra no dia a dia de seus falantes, destacando essa variação como estratégia de autodeterminação e autonomia. Para isso, categorizando o pronome neutro como parte de um "dispositivo interacional" (BRAGA, 2017) usado em grupos de pessoas trans, ou seja, espaços transcitrados, mas também considerando qual a recepção dessa variação por pessoas de fora da comunidade.

Este artigo se organiza em quatro partes. Na primeira, discute-se a língua como parte de um dispositivo de controle que reproduz a cisgenderidade e a binariedade de gênero. Na segunda, abordo como as pessoas entrevistadas navegam o uso de pronomes muito recentes e quais são as estratégias de comunicação com pessoas relutantes. Na terceira, trato dos espaços de uso da variação e da importância dos laços intra-comunitários entre pessoas não-binárias. Por fim, trago outros aspectos da não-binariedade expressos para além do discurso.

1. Linguagem e Sexualidade: Aproximações com Foucault

No primeiro volume de sua *História da Sexualidade*, Foucault (1988) estuda, entre outras questões, os modos como a linguagem, a partir do silêncio, auto-censura e de produção de discursos com contextos e vieses específicos, tem um lugar importante na construção da repressão sexual no âmbito da burguesia a partir do século XVII. Foucault já apontava que, tal como acontece hoje, a linguagem atua como mecanismo de conservação de ideias, especialmente as que mantêm as normas vigentes. Isso é verificado, por exemplo, na prevalência de transfobia e na dificuldade de aceitação de pessoas não-binárias nos dias atuais, visto que, nas representações mais comuns do imaginário social, pessoas não-binárias existem como abjetas, conceito de Julia Kristeva trabalhado por Oliveira (2020).

Trabalhando a partir de Foucault (1976), é possível dizer que gênero, como a prática sexual, deve ser invisível e imperceptível, apesar de talvez não se enquadrar como tabu do mesmo modo que sexualidade.

Em geral, a expressão de gênero masculina e feminina devem, tradicionalmente, dizer respeito à biologia da pessoa e seu gênero deve ser facilmente identificado por interlocutores. Gênero é uma ferramenta de inteligibilidade e de tratamento interpessoal que, com uso prolongado, se tornou invisível na linguagem do dia-a-dia. Segundo Vergueiro (2015), um dos pilares da cisgeneridade é a pré-discursividade:

O entendimento sociocultural – historicamente normativo e produzido, consideravelmente, por projetos coloniais – de que seja possível definir sexos-gêneros de seres a partir de critérios objetivos e de certas características corporais, independentemente de como sejam suas autopercepções ou das posições e contextos interseccionais e socioculturais em que elas estejam localizadas (2015, p. 61)

Logo, ao se falar tomando a fluidez e a transgeneridade como ponto de vista, usando pronomes como “elu” e “ile”, quebra-se a pré-discursividade, porque a pessoa que usa esse pronome precisa pedir para seu uso ser respeitado pelos outros. Assim, a ferramenta se torna desconfortavelmente presente.

A expressão de não-binariedade, seja visualmente ou pelo uso da linguagem neutra, torna aparente a arbitrariedade das normas de gênero e força quem interage com pessoas não-binárias a questionar saberes cristalizados. Até recentemente, os contextos em que se tratava de transgeneridade eram discursos médicos e jurídicos. Ou seja, implicitamente falava-se sempre de gênero nesses contextos, mas de um modo cisgênero e binário, como mecanismo para calar sua arbitrariedade, fluidez e seu horizonte de possibilidades.

Do mesmo modo, Foucault (1988, p. 27) estabelece que não é o silêncio, mas o modo como se fala sobre algo que cimenta nosso entendimento sobre o tema:

Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia.

Sobre gênero, temos uma aparelhagem que constrói a binariedade estrita e inevitável de gênero e estabelece uma relação de exclusividade mútua entre feminilidade e masculinidade, apesar da sua complementaridade (VERGUEIRO, 2015). Essa aparelhagem é muito explícita na nossa gramática, que só permite dois pronomes que são dirigidos a nós desde o nascimento e são estritamente feminino ou masculino. Isso é sentido em outras línguas, como o francês: “Sou obrigado a escolher sempre entre o masculino e o feminino, o neutro e o complexo me são proibidos; (...) Assim, por sua própria estrutura, a língua implica uma relação fatal de alienação” (BARTHES, 2004, p. 12).

Logo, a estrutura do português é parte desse dispositivo de controle que reforça a cisgeneridade binária, pré-discursiva e permanente (VERGUEIRO, 2015). Uma língua com dois pronomes estritamente

generificados força a distinção entre pessoas “homem” ou “mulher” e impede a conceitualização de outras possibilidades. Essa é uma razão para a crença de que “não-binariedade não existe”. A inexistência de um pronome que não insinua gênero torna qualquer fala um discurso coercitivo que reforça a categorização de pessoas em homens e mulheres.

Nesse sentido, em *Aula*, Barthes (2004, p. 13) diz: “Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. Ou seja, mesmo com desconhecidos, a gramática nos obriga a escolher pronomes, adjetivos e substantivos binários.

Contudo, Barthes continua o texto estabelecendo a literatura como meio de trapacear esse aspecto da língua, extrapolando literatura como poética, pensamento emancipatório expresso artisticamente. Com essa visão, a linguagem neutra é um uso da gramática como poética. Poética não a serviço da criação artística, mas da política e afirmação da e na linguagem; gramática usada para subverter as regras da fala.

Esse é o aspecto mais fascinante da linguagem neutra. Um uso da gramática, das normas, usualmente conhecidas por sua rigidez, para expressar fluidez. Um uso experimental da gramática, do pronome, da estrutura. Não são apenas substantivos isolados como “todes” ou adjetivos flexionados com -e, mas toda a lógica por traz que obriga o entendimento de, pelo menos, um terceiro gênero.

Isso demanda um pensamento crítico e atento por trás de cada palavra. Usar uma linguagem que não força gênero no português pode ser difícil e contra-intuitivo, especialmente no começo; fazer isso com sucesso requer atenção em todas as palavras, antes que elas sequer saiam da boca de quem fala.

Mesmo quem tem mais prática, reconhece que é uma variação muito recente e algumas palavras nunca foram “neutralizadas”, então a criatividade precisa ser exercitada. Lux explica:

Eu acho que isso permite inclusive a gente a testar, porque é uma das coisas mais bonitas da linguagem não binária. O que eu acho bonito nesse processo, quando a gente pensa como quebrar os eixos das cis-normas, e um dos eixos da cis-norma é justamente a finalidade e o outro eixo é a permanência. Então, que maravilha não estar procurando uma permanência. Vamos tentar esse, depois tentar outro, “e aí como é que pronuncia?” Nesse aspecto tem muito respeito e, quando há uma dúvida, é muito bonito, porque as pessoas ficam “ai, como que eu falo agora?”. Um amigo meu, essa semana estava dizendo “não sei porque você está reclamando sabe? Você é super ‘bôe’ [neutro de bom/boa] nisso”, então, é isso, as tentativas estão acontecendo (Lux).

O começo do uso é também dificultado, em parte pelo local restrito da comunicação em que podemos falar de transgressões de gênero. Foucault (1988, p. 21) escreve:

Como se, para [dominar o sexo] no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, baní-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se, impõe o silêncio. Censura (FOUCAULT, 1988, p. 21).

Essa redução também ocorreu com a transgeneridade não-binária. De tanto calar sobre possibilidades além de homem e mulher, impõe-se silêncio sobre a não-binariedade com a própria estrutura da língua. E, de forma menos insidiosa, com a legislação contemporânea mencionada na introdução.

Na experiência vivida de pessoas não-binárias, essas imposições se manifestam em um processo de auto-aceitação, alongado pela falta de entendimento da própria condição. Lux traduz esse sentimento:

A transição de gênero é o primeiro passo, que tem a ver inclusive com um aspecto um pouco inconsciente: na época, **eu não conseguia elaborar e nomear isso como não binariedade** ou como uma aproximação da transmasculinidade. Foi a aparência, principalmente, exercícios físicos e o modo como os exercícios foram mudando o meu corpo. Logo depois disso passou para o cabelo, até chegar numa forma um pouco mais recorrente e constante de roupas, modos de apresentação de vestimentas que não eram exatamente as consideradas convencionalmente femininas.³

Há um conforto, uma sensação de pertencimento quando a gente tem modos verbais de comunicar esse lugar, que não é o masculino e não é o feminino. Se eles não me contemplam, porque que a gente não pode usar outros?

Até os meus trinta anos, eu usava principalmente os pronomes femininos. Isso não particularmente me incomodava. Eu acho que esse não-estranhamento está relacionado ao fato de eu não imaginar que uma outra forma de existir era possível, era imaginável. Então, quando você não sabe que é possível, como que você pode desejar?

2. Preferência por um Pronome

A transição de gênero para pessoas não-binárias pode incluir o pedido de que pessoas usem pronomes neutros para se referir a elas. Mas qual deles escolher? Inicialmente, o uso de alternativas como “el@”, “elx” e “él” era mais recorrente, mas hoje em dia a comunidade não os usa com frequência. Esses pronomes começaram sendo pensados para evitar a invisibilização de outros gêneros com o uso do masculino generalizante/universal, não só para incluir pessoas não-binárias.

³ Embora algumas entrevistadas tivessem curiosidade em relação à terapia hormonal, ela não era uma prioridade na transição de nenhuma delas.

Existem dois pronomes neutros mais bem estabelecidos atualmente: “ile/dile” e “elu/delu”. Apenas duas pessoas que eu entrevistei usavam “ile”. A escolha entre “ile” ou “elu” parece ser por gosto pessoal.

Rob conta:

Eu acho o “elu” legal pq o U não marca gênero na nossa língua. “Ile” ainda assim tá acabando com E que já é marcação, em alguns casos, de gênero masculino. Então o U que tá ali, quase uma vogal esquecida, acho que ela representa bem (Rob).

Aren concorda:

O que eu gosto mais é “elu” e “delu”. Eu comecei com “ile” e “dile”, mas no final das contas pouco se usam esses pronomes. É mais a questão do “e” na flexão de gênero das palavras (Aren).

Como indicado por elu, a flexão neutra de adjetivos e substantivos generificados é uma parte integral do uso dessa variação. É assim que os interlocutores aplicam a neutralidade na fala de fato. Quando se escolhe um pronome, implicitamente se escolhe também a conjugação dos adjetivos que se referem a você.

Assim, a escolha de pronomes como "ile" e "elu" é apontada como necessária para pessoas não-binárias que começam a transição permitindo o uso de todos os pronomes. Morgan, uma entrevistada transmasculine, conta que:

Quando eu me afirmei não-binária, eu usava todos os pronomes, neutro, masculino e feminino. Só que as pessoas ainda me chamavam muito no feminino e ainda me chamam muito no feminino. E aí eu cortei o feminino, eu falei tipo “não, então, se tá todo mundo no feminino perdeu essa possibilidade, não deixo mais” (Morgan).

Pedro Paulo corrobora:

Quando eu comecei a minha transição de binário para não binário, passei por um estágio que muitas pessoas não-binárias passam que é “eu não me importo com pronomes, você pode me chamar do que você quiser”. Eu acho que tem uma parte que é uma questão de tentar agradar o cis, porque você pensa: “as pessoas não vão querer me chamar pelo pronome que eu quero de verdade, eu vou fingir que eu não me importo com isso”. (...) Na minha cabeça, eu sempre pareci muito um homem, por causa disso, mesmo na época que eu falava que eu não me importava com os pronomes, o único pronome que as pessoas acabavam usando para mim era o ele, eu comecei a pensar “isso me incomoda” (Pedro Paulo).

Em ambos os casos, apenas afirmar a multiplicidade de pronomes não comunicou efetivamente ao seu círculo social a mudança interna. As pessoas ao redor escolheram se manter na zona de conforto e continuar usando o pronome que lhes era familiar. Existem pessoas não-binárias que afirmam isso usando o pronome contrário ao seu gênero designado ao nascer. Contudo, para muitas, nenhum dos outros dois pronomes as contempla, tornando o dia-a-dia comunicacional desconfortável. Lux conta:

O processo de escolher exclusivamente o “ile” tem a ver com uma certa linha demarcatória do que nesse lugar foi muito difícil de conquistar, para mim, foi muito difícil de imaginar, foi muito difícil de realizar (Lux).

Outro ponto que se apresenta a partir dessas falas é a mobilidade entre pronomes. Morgan conta que houve uma época em que brincava usando, na mesma frase, diferentes pronomes para si. É esperado que depois de um tempo haja uma consolidação de um ou dois pronomes principais a serem usados. Mesmo assim, é possível que todos os pronomes sejam usados para se referir a pessoa, apenas em contextos diferentes. Por exemplo, entre outras pessoas trans, usa-se o neutro, mas com a família ou no trabalho o “ele” ou “ela” são usados.

Fora de círculos interpessoais de pessoas trans, algumas pessoas não-binárias optam por usar pronomes binários como opção secundária, devido à novidade dessa linguagem. Aled⁴, que usava "elu" e "ela" conta que:

Eu sentia até dificuldade de falar pras pessoas que por eu usar pronomes femininos eu quero deixar bem claro que eu não sou uma mulher, que eu não me identifico com o gênero feminino, que não é essa minha identidade de gênero. Quando você se referir a mim no feminino pensa que é uma pessoa: não uma menina, uma mulher. É difícil pras pessoas entenderem até isso. Então os pronomes neutros são os que mais acabam acolhendo.

Assim, a construção de um círculo social transcrito se mostra muito importante justamente pela resistência ao uso pela sociedade geral. Pessoas com experiências similares se amparam emocionalmente e ajudam pessoas que assumiram recentemente sua identidade não-binária a prosperar. Ciano fala da sua experiência:

⁴ A entrevista foi feita em abril de 2022. Em outubro de 2022, entrei novamente em contato e Aled contou que voltou a usar pronomes femininos e seu nome de registro, porque não se identifica mais como não-binária. Agora se identifica como uma mulher desfeminizada. Ela teve isso a dizer: “Eu não desvalido o processo, porque eu acho que foi tudo muito importante. (...) Como tem muita imposição da sociedade sobre a gente, sobre como a gente deve agir, como a gente deve ser, acaba confundindo tudo na nossa cabeça, né? (...) Pode manter o nome Aled porque por mais que não seja a maneira como eu me identifico agora foi a maneira como eu me identificava quando a gente conversou.”

Eu sinto quando eu passo muito tempo longe de pessoas não-binárias, eu sinto falta dessas pessoas que te entendem e te validam. As outras pessoas não-binárias te ajudam a se validar de forma implícita. Como se eu não estivesse inventando coisas na minha cabeça, mais pessoas sentem isso (Ciano).

3. Entre Coerção e Comunidade: Espaços de Uso da Linguagem

Frente a essa estrutura que impede a auto-realização, tanto pela dificuldade de conceitualização da não-binariedade quanto pelas interpelações e rejeições do dia a dia sofridas por pessoas trans, a intercomunicação e apoio entre pessoas não-binárias é um pilar que sustenta o bem-estar das pessoas que usam essa variação. Marcus fala do acolhimento que sentiu:

Foi uma coisa de começar a falar sobre essa experiência com pessoas não binárias, com pessoas que já estavam mais por dentro disso, já entendiam melhor isso, e receber o acolhimento dessas pessoas de falarem: “se você quiser experimentar e quiser que eu te chame assim, eu posso te chamar assim”, e aí eu falei, “pô, acho que eu quero, sabe?”. Acho que foi primeiro dentro desse espaço de continência, desses espaços puros, me experimentando como eu me sentia com Morgan me chamando assim no pronome neutro e eu mesmo conjugando adjetivos e coisas assim. E a partir daí, começando a me sentir um pouco mais apropriado disso, aos poucos comecei a liberar isso pro meu círculo mais íntimo, e depois fui expandindo. (Marcus P.)

Para ela, a permissão e companhia dessas pessoas foi importante para elevar a auto-confiança, que lhe permitiu construir um novo lugar nas interações sociais.

A partir de uma perspectiva relacionada com o feminismo, Carolyn Gold Heilbrun, em *Reinventing Womanhood* (1979) pondera sobre como os discursos produzidos sobre mulheres as colocavam em papéis específicos de feminilidade e impediam a existência de uma feminilidade ambiciosa:

Homens têm monopolizado a experiência humana, deixando mulheres incapazes de se imaginar tanto ambiciosas como femininas. Se eu me imaginar inteira, ativa, um ser, eu não deixarei, de algum profundo modo, de ser uma mulher? A resposta deve ser: imagine, a antiga ideia de mulher que se dane... deixe-nos imaginar a nós como completas, concomitantemente aspirantes e femininas. Ser mulher pode significar o que nós dizemos que é, não o que eles sempre nos contaram ser.⁵

Similarmente, é demorado e complexo imaginar-se humano e sem gênero, pois todo discurso, até este momento, reflete a binariedade. Sendo gênero uma construção social, e também muito dependente da

⁵“Men have monopolized human experience, leaving women unable to imagine themselves as both ambitious and female. If I imagine myself whole, active, a self, will I not cease, in some profound way, to be a woman? The answer must be: imagine, the old idea of womanhood be damned... let us imagine ourselves as selves, as at once striving and female. Womanhood can be what we say it is, not what they have always told us it was.”

experiência pessoal, a existência humana tem a possibilidade de ser livre das expectativas de gênero. Em espaços transcendidos, algo similar já acontece.

Já que o uso geral da variação é polêmico, falantes se questionam sobre a validade do uso. Para contrapor isso, entre pessoas não-binárias a comunicação parte do pressuposto de aceitação mútua incondicional. Isso é tão forte que Aren destaca a diferença de ser referida com um pronome errado quando é uma pessoa trans:

Depende muito de quem fala, se uma outra pessoas trans usa às vezes o neutro, às vezes o masculino e até o feminino, isso não me ofende - porque isso já transcende aquele lugar do pronome, da linguagem por si só, porque não carrega mais aquela parte da linguagem que oprime e é só uma forma de se referir a mim (Aren).

Assim, a imaginação de uma existência humana sem gênero passa por uma linguagem que reconhece um modo de existência e uma corporeidade diferentes, que não é nem homem nem mulher e, a partir desse reconhecimento linguístico, permite a exploração conceitual e prática.

Uma acusação que tem sido muito recorrente em alguns eventos, para falar sobre a não-binariedade, é de que a não binariedade é uma nova binariedade, porque, se o masculino e feminino são categorias opostas, então, ela é oposta ao binário, aí você tem uma outra binariedade que é o binário e o não-binário. [Mas] a não binariedade é recusar os termos do jogo de cisgeneridade. (Lux)

Quando fala dos discursos que fiscalizam a sexualidade da burguesia, Foucault adverte que, em contraponto à censura, esses discursos, produzidos na medicina, escola entre outras instituições, são excessivos e moldam a percepção e os atos sexuais: “e tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; (...) desenfurnam-no e **obrigam-no a uma existência discursiva**” (p 35) (grifo meu).

Apesar da linguagem neutra ter partido da comunidade trans e da sua necessidade de reconhecimento e não de fortes instituições produtoras de discursos, quando ela aparece em contextos de família ou trabalho, é preciso justificar sua legitimidade, ou seja, a linguagem neutra é obrigada a uma existência discursiva.

Em ambiente de trabalho eu ainda não consigo me sentir confortável pra expor, apesar de terem pessoas no meu trabalho que sabem. Mas pra procurar emprego, eu continuo assinalando como “ela”, porque a gente sabe o que a transfobia faz. (Rob)

Meu pai e minha mãe têm extrema dificuldade, mas eles tentam. E pessoas que vivem na cis-hétero normatividade. E é muito louco, porque as pessoas tomam para si. Elas não entendem que eu não estou falando sobre elas (Aren)

O viés cisgênero também aparece nas tentativas de definição dos termos "trans" e "não-binário", procurando linhas definitivas e separações claras entre quem é cis e trans, binário ou não-binário. O senso comum referente à transgeneridade trata esses termos como substantivos concretos, exigindo deles uma exatidão inatingível. Mas será que não-binariedade e transgeneridade não podem existir como substantivos abstratos? Como amor, justiça e gênero que têm vários significados, dependentes do contexto e da experiência individual.

A pessoa é conduzida a se articular a partir da linguagem binária e em sua negação (como no termo "não-binário") para ser entendida. A linguagem neutra, como símbolo, é politizada e usada como argumento ou justificativa para uma ação. Isso dificulta a conceitualização da não-binariedade a partir da nossa língua, especialmente por pessoas de fora da comunidade LGBTQ+, presas à cisheteronorma (VERGUEIRO, 2015).

Uma memória específica: a pessoa não entendeu nada. Ela chamou de caloura e eu corrigi "caloure". Ela travou e minha amiga que explicou: "elu é não-binária". Acho que tem isso também, o medo de corrigir, a pessoa não entender e eu ter que explicar (Ciano).

No Ensino Médio, quando eu comecei a usar os pronomes, eu sempre falei "olha, eu até perdooo você errar em pessoa, mas tipo se você mandar mensagem, eu preciso que você use isso, sabe? (Pedro Paulo).

A linguagem neutra, quando usada em grupos que a conhecem, valorizam, e sabem como encaixá-la na fala do dia-a-dia, encontra outro espaço, no qual ela não é forçada a motivar políticas, nem mesmo de exploração de gênero.

"Também a pastoral cristã procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato de colocá-lo integral e aplicadamente em discurso" (FOUCAULT, 1988, p. 27). A linguagem neutra, ao colocar a dissidência de gênero integral e aplicadamente no discurso, também se torna parte de um dispositivo que produz efeitos específicos. Seu uso abre uma porta conceitual que não é encontrada na nossa língua. Várias pessoas trans não conheciam que era uma possibilidade mudar de gênero até ouvir falar sobre ou conhecer outras pessoas trans.

A gente conhece pessoas novas e aí a gente tem a possibilidade de não ser julgada pelo que a pessoa já [sabia] de você anteriormente. (Rob)

E assim, sentem liberdade para explorar partes novas de si:

Eu, pela primeira vez, estou deixando meu cabelo comprido - em 38 anos. Mas é também a forma de enxergar o mundo. Na hora que eu me compreendi potencialmente como não-

binário e percebendo isso de forma prática, eu fui me abrindo e sendo atravessado em todos os meus pensamentos por um **raciocínio não-binário**. Isso é o mais estrutural, porque para tudo eu passei a incorporar a não-binariedade na análise de qualquer problema, porque ela às vezes revela muito além do que um padrão binário de análise - isso vai ao intelecto (Toni).

Do mesmo modo, antes de usarmos um pronome que não “ele” ou “ela”, é difícil imaginar um gênero que não esteja querendo copiar “homem” ou “mulher”, porque essas compreensões da existência humana informam as leituras futuras de pessoas não-binárias também. Segundo Vergueiro (2015, p. 61):

A cisgeneridade é um conceito composto pelas compreensões socioculturais ocidentais e ocidentalizadas de gênero, tidas como naturais, normais e biológicas, que são por sua vez **compreensões que fundamentam as leituras sobre vivências e corpos** em termos de gênero. (grifo meu)

Isso pode ser notado na fala de Ciano:

É uma situação ruim e que deveria ser normal, não deveria haver desconforto em perguntar os pronomes. No momento que você fala: “Calma lá com essa imagem de mim que não é bem isso”. (...) Mas eu me agonia quando as pessoas usam só [o feminino], porque deixa bem claro que as pessoas estão me vendo como mulher, ou quando usam palavras que definem mais que os pronomes - como “mulher, irmã” (Ciano).

Assim, uma expressão de gênero que não seja construída com performances ou femininas ou masculinas como base é muito difícil de se pensar a partir do senso comum atual.

Marcus entende a não-binariedade como uma negação de aspirações aos ideais de gênero, que permitem mais liberdade na auto-expressão.

Existe um ideal de homem e ideal de mulher, é como eu entendo, e que ninguém atinge esse ideal e que está todo mundo buscando chegar nele, tá ligado? E esse ideal é branco, magro, sem deficiências, musculoso, esportivo, porte atlético, fit, enfim, loiro de olho azul, e tudo mais! E basicamente, essa é a única coisa que liga todos os homens e todas as mulheres no mundo. Quando eu quebrei o binarismo de gênero e tentei entrar na não-binariedade, eu estava de início procurando um ideal andrógino. Pesquisando um pouco sobre isso, conversando com outras pessoas, eu cheguei na conclusão de que não, na verdade, cada um tem o seu próprio ideal. E aí eu cheguei num ponto do tipo: “Mano, para que que tem que ter um ideal? Tá ligado?”. E aí, foi esse o momento que eu falei, tá, entendi a não binariedade (Marcus P.).

Esse é um exemplo do processo pelo qual pessoas não-binárias precisam passar, não só para se entender plenamente mas para conseguir comunicar sua experiência com outras pessoas com eficácia. A comunicação é tentativa (BRAGA, 2017), o que implica a possibilidade de falha, erro e eventual desistência

dos envolvidos. Entrevistades contam que deixam muitos usos desconfortáveis dos pronomes errado passarem, porque corrigir todas as vezes seria cansativo demais, devido ao número alto de erros.

Depende muito da situação, quando é alguma coisa [banal], eu tô no mercado e aí fala "ah moça, pode passar" eu não corrijo (Morgan)

Contudo, frente ao preconceito, a linguagem precisa tomar uma forma específica, porque pessoas preconceituosas veem a não-binariedade como a destruição de algo ou a degeneração da norma culta.

Estas vivências e corpos contemporâneos, assim, atravessadas pelas heranças dos séculos de colonizações europeias, são socioculturalmente significados a partir da ideia de que os padrões cisgêneros de corpos e vivências de gênero são os naturais e desejáveis. Ou, posto de outra maneira, a cisgeneridade é um conceito composto pelas compreensões socioculturais ocidentais e ocidentalizadas de gênero tidas como naturais, normais e biológicas, que são por sua vez as compreensões que fundamentam as leituras sobre vivências e corpos em termos de gênero (VERGUEIRO, 2015, p. 61).

4. "Pessoas Não-binárias não te devem Androginia": Não-binariedade além do Discurso

Uma frase repetida por entrevistades foi “pessoas não-binárias não te devem androginia”. Essa frase traz a questão: “o que se configura como não-binariedade?”.

Até 2018, pessoas trans precisavam de uma decisão judicial, geralmente com justificativas médicas e psicológicas, para poder alterar o nome. Ou seja, para uma pessoa ser reconhecida como trans, ela tinha que convencer aqueles ao seu redor, por exemplo, com laudos médicos e evidências presentes desde a infância (LISBOA, 2015; POMPEU, 2018).

Assim, a trajetória da transição é permeada por uma medicalização histórica. O processo transexualizador do SUS pode ser usado como exemplo da jornada esperada de uma transição “completa”: hormonioterapia e cirurgias que buscam visualmente assemelhar a pessoa ao gênero masculino ou feminino (BRASIL, 2013). Para pessoas não-binárias, a transposição adequada dessa trajetória seria a busca pela androginia. Contudo, mesmo quando essa trajetória médica é aplicada a pessoas trans binárias, ela força desconfortavelmente uma adequação dos corpos trans à cisgeneridade. É possível identificar que pessoas trans e/ou não-binárias buscam uma auto-realização transgênera fora do ideal cisgênero, visto que o próprio processo do SUS permite qualquer combinação de procedimentos sem obrigatoriedade de nenhum (BRASIL, 2013).

Eu particularmente me sinto confortável com uma aparência andrógina (...) meu sonho é que as pessoas olhem pra mim e não atribuam gênero a mim. Que pelo menos fiquem confusas a como se referir a mim, às vezes eu consigo alcançar esse objetivo, às vezes não (Aled).

Além disso, para pessoas não-binárias, não há um ideal a ser atingido. Pessoas não-binárias entrevistadas aqui parecem indicar que a androginia plena é inatingível e, mesmo que se busque contrapor características masculinas com adereços femininos e vice-versa, essa busca se provará frustrante. Sentindo isso na pele, percebem que, independente de como uma pessoa pareça fisicamente a seus olhos, é possível interpretar incorretamente esses sinais, correndo o risco de ofender ou ignorar a experiência vivida da pessoa, levando ao “misgendering”, expressão que, sem tradução exata, se refere ao uso de pronomes errados, categorizando a pessoa em outro gênero. Aled³ conta que, para desencorajar esse tipo de associação, evita usar pronomes generificados para pessoas desconhecidas:

Se a pessoa chega pra mim e eu não conheço e ela não fala ou se refere a si mesma com determinado pronome, eu não assumo. Porque senão eu vou olhar como uma pessoa e acabou (Aled).

A busca por adequação de pessoas trans, no final das contas, é uma busca por passabilidade, ou seja, discrição e imperceptibilidade da sua transgeneridade. Isso é apontado como desejável, pelas pessoas entrevistadas, não só pelo risco de violência associado a ser trans, mas porque corpos “são socioculturalmente significados a partir da ideia de que **os padrões cisgêneros de corpos e vivências de gênero são os naturais e desejáveis**” (VERGUEIRO, 2015, p. 61) (grifo meu).

A passabilidade é atingida quando transeuntes e pessoas desconhecidas usam os pronomes adequados para você sem nenhum esforço da sua parte. A “desatenção civil” de Goffman (2010), isto é, o fato de não uma pessoa não receber atenção especial indesejada ou inapropriada devido a uma determinada condição, descreve esse objetivo. Para pessoas não-binárias, isso é mais difícil, porque ninguém assume e usa naturalmente a linguagem neutra fora de círculos trans. Logo, “pessoas não-binárias não te devem androginia”.

Mesmo assim, essa frase é provocativa quando nos deparamos com uma pessoa que usa linguagem neutra, mas fora isso se adequa às expectativas do seu gênero atribuído ao nascer. Essa combinação traz a suposição que a mudança foi apenas discursiva e que essa pessoa não é “verdadeiramente” não-binária, mas isso é errôneo, porque há outras facetas da não-binariedade que são invisíveis.

Quando eu me afirmo para pessoas que não entendem tão bem ou que não tem tanto contato com outras pessoas não-binárias, porque parece que precisa do referencial, né? Eu sei que o corpo importa muito mais: a pessoa precisa ver e confirmar em você que você é aquilo que tá falando pra ela. (Morgs)

Considerações Finais

Nota-se que a identidade não-binária não tem um tipo de expressão consolidada. A linguagem neutra contemporânea reflete isso: não há regras específicas, aceitas por todas as pessoas da comunidade; há muita possibilidade e novidade. Ao mesmo tempo, não há aplicações amplas dessa variação.

A dificuldade de utilização dessa variedade em espaços não-transcendidos é muito intensa e merece mais estudos. Isso é verificado no receio de corrigir pessoas, associado ao cansaço depois de tentativas falhas de correção. Além disso, muitas pessoas entrevistadas têm pronomes secundários com os quais se contentam caso seja impossível pedir o uso do pronome neutro. A dificuldade de uso também indica uma dificuldade de compreensão da não-binariedade como possibilidade de experiência humana:

Por mais que a gente tente fugir e achar alternativas que sejam melhores, é mais que isso, é preciso mudar estruturalmente o pensamento da sociedade. (Aled)

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico — o que é, como se faz**. 49a. Edição. São Paulo: Loyola, 2007.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BELO HORIZONTE. Projeto que proíbe uso de "linguagem neutra" pode ser aprovado em primeiro turno. Sítio eletrônico da Câmara Municipal de Belo Horizonte, 4 de julho de 2022. Disponível em <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2022/07/projeto-que-pro%C3%ADbe-ensino-de-%E2%80%9Clinguagem-neutra%E2%80%9D-pode-ser-votado-em-1%C2%BA>. Consulta em 27 de outubro de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996.

BRAGA, José Luiz *et al.* **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

BRASIL. Portaria no. 2.803, de 19 de novembro de 2013. **Ministério da Saúde**. Disponível em https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html. Acesso em 10.11.2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

Av. Paulista, 900 - 5º andar - CEP 01310-940 - São Paulo – SP - Tel.: (011) 3170-5880 | 3170-5881 | 3170-5883 Fax: (011) 3170-5891 -

www.casperlibero.edu.br – e-mail: faculdade@casperlibero.edu.br

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CRITELLI, Dulce Mara. **História Pessoal e Sentido de Vida**. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOFFMAN, E. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HEILBRUN, Carolyn G. **Reinventing Womanhood**. New York: Norton, 1979.

LISBOA, Vinicius. Transexuais precisam recorrer à Justiça para mudar nome e gênero. **Agência Brasil / EBC**, 29.08.2015. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/transexuais-precisam-recorrer-justica-para-mudar-nome-e-genero-em>>. Acesso em 10.11.2022.

POMPEU, Ana. STF autoriza pessoas trans a mudar de nome mesmo sem cirurgia ou decisão judicial. **Consultor Jurídico**, 1o. de março de 2018. Disponível em <<https://www.conjur.com.br/2018-mar-01/stf-autoriza-trans-mudar-nome-cirurgia-ou-decisao-judicial>>. Acesso em 10.11.2022.

OLIVEIRA, Manoel. O conceito de abjeção em Julia Kristeva. **Seara Filosófica**, Número 21, Inverno/2020, pp. 185-201.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Salvador: UFBA, 2015 (Dissertação Tese de Doutorado)